



Universidades Lusíada

Caeiro, António de Castro

O fenómeno internacional : algumas notas para a sua compreensão com Max Scheler e Peter Sloterdijk em plano de fundo

<http://hdl.handle.net/11067/1010>

<https://doi.org/10.34628/g0n5-0h79>

Metadados

Data de Publicação	2010
Resumo	Todos os seres humanos estão mergulhados numa cadeia de relações consigo próprios, com os outros e com o mundo. Enquanto indivíduos como nos relacionados com o " nacional"? São as nações entidades? Como se relacionam umas com as outras? Aqui estão algumas perguntas que queremos fazer com o objectivo de perspectivar o "Internacional"....
Palavras Chave	Características nacionais, Internacionalismo
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] LPIS, n. 03 (2010)

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-05-17T08:52:14Z com informação proveniente do Repositório

**O FENÓMENO INTERNACIONAL.
ALGUMAS NOTAS PARA A SUA
COMPREENSÃO COM MAX SCHELER
E PETER SLOTERDIJK EM PLANO DE FUNDO**

António de Castro Caeiro

Professor auxiliar da universidade Nova de Lisboa
acaeiro@mac.com

Resumo: Todos os seres humanos estão mergulhados numa cadeia de relações consigo próprios, com os outros e com o mundo. Enquanto indivíduos como nos relacionados com o “nacional”? São as nações entidades? Como se relacionam umas com as outras? Aqui estão algumas perguntas que queremos fazer com o objectivo de perspectivar o “Internacional”.

Palavras Chave: Nacional, Internacional, Pessoa humana, Sociedade Global.

Abstract: Every human being exists as bundle of relationships towards himself, the others and the world. As single individuals how do we relate to what is our own national confinement? Is a nation an entity? How does nations relate to each other. Here are some questions we want to ask in order to put us under some perspective about our being international.

Keywords: National, International, Human being, global society.

Os fenómenos “nacional”, “nação”, “nacionalismo” e “internacionalismo” entroncam, em Max Scheler¹, na sua interpretação da *pessoa* no ser humano.² A nossa vivência concreta da esfera pessoal inclui³ já em si *a priori* as esferas

¹ SCHELER, MAX, *Gesammelte Werke*, Francke Verlag, Bern. (GW) (1954): *Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik. Mit besonderer Berücksichtigung der Ethik I. Kants*. Vol. 2. Becker, Howard, *Befuddled Germany: A Glimpse of Max Scheler* in “*American Sociological Review*”, Vol. 8, No. 2 (Apr., 1943), pp. 207-211, BÜBER, Martin, *The Philosophical Anthropology of Max Scheler* in “*Philosophy and Phenomenological Research*”, Vol. 6, No. 2 (Dec., 1945), International Phenomenological Society, pp. 307-321.

² Schuetz, Alfred, *Scheler's Theory of Intersubjectivity and the General Thesis of the Alter Ego* in “*Philosophy and Phenomenological Research*”, Vol. 2, No. 3 (Mar., 1942), International Phenomenological Society, pp. 323-347. Farber, Marvin, *Max Scheler on the Place of Man in the Cosmos* in “*Philosophy and Phenomenological Research*”, Vol. 14, No. 3 (Mar., 1954), International Phenomenological Society, pp. 393-399. Vacek, Edward V., *Scheler's Phenomenology of Love* in “*The Journal of Religion*”, Vol. 62, No. 2 (Apr., 1982), pp. 156-177, The University of Chicago Press, pp. 323-347.

³ Max Scheler indica, numa passagem do Formalismo, o sentido de ser da pessoa como “unidade da vivência” (*Einheit des Er-lebens*): “Person ist die unmittelbar miterlebte Einheit des Er-lebens.” (GW II, 382.) O sentido da unidade imediata entre um conteúdo vivido e a forma da sua vivência é o que constitui o próprio ser pessoal. Para a compreensão do sentido nuclear do ser pessoal cf.: GW 10, 1º Tomo: a respeito da ligação específica entre pessoa como acto ou centro e o conteúdo de objecto. 36, 41, 46, 48, 50, 54, 58, 63, 67, 150, 185, 191 220, 235, 236, 237, 238, 240, 244, 282, 285, 297,

íntima e social. Cada um de nós existe já à partida como a “pessoa universal”, (“Gesamtperson”)⁴, que totaliza e estrutura a compreensão das diversas esferas em que nos podemos encontrar. A esfera universal existe, na sua intimidade, já em comunhão com outrem de tal forma que o próprio ser em comum com outros cunha a sua mais profunda intimidade. Esfera *íntima* e esfera *social* distinguem-se nisto: – a *esfera pessoal* estabelece, implícita ou explicitamente, uma solidariedade individual com todas as formas possíveis de vivência. A *esfera social* estabelece, do mesmo modo, a solidariedade entre cada pessoa e as mais diversas formas de comunidade. É também na esfera social na qual cada pessoa se encontra (incluída ou excluída) que se projectam as mais diversas configurações de relações entre comunidades. Cada um de nós vive de forma finita e íntegra não apenas a esfera estritamente individual, mas também a comunidade universal com todos os outros que são aí consigo, que tiverem sido e hão-de ser. Se, por um lado, as mais diversas vivências são parte integrante da pessoa que passou por elas; por outro lado, cada pessoa vive-se com o sentimento de co-pertença a uma comunidade, com responsabilidades partilhadas, deveres, direitos e garantias. Cada um de nós é como “pessoa universal os vários centros a partir dos quais vive e experimenta a totalidade inacabável (“unabschliessbare Totalität”) do ser com outro no partilhar a existência com ele.” Estas esferas de comunidade são esferas de comunhão. Quer dizer, o carácter comum não quer dizer o sacrifício do individual em prol do grupo. O “Comum” como qualidade da “comunidade” constitui o modo intrínseco de sermos uns com os outros⁵.

O sentido da partilha e da comunhão é o que nos permite reconhecer como fazendo parte da comunidade humana: contemporânea, passada e futura. Cada pessoa é o *em aberto* que se *relaciona com* as pessoas do seu tempo e as pessoas de tempos idos e por vir. O horizonte do ser pessoal que é cada ser humano é constituído na sua esfera mais íntima por uma *abertura a todos os outros horizontes pessoais possíveis* e imaginários, reais ou fictícios. A maneira como partilhamos este horizonte comum a todos é que pode ser singular. Assim é cada pessoa na maneira de se relacionar com os outros em geral. Vice versa, o modo particular como eu me relaciono comigo tem sempre o olhar de outrem como plano de fundo, de algum outro particular, de todos os outros, ou de ninguém determinado.

Mas a pertença de uma pessoa a uma “comunidade”, (“Gemeinschaft”), não pode ser confundida com a inserção de um indivíduo na “sociedade”, (“Gesellschaft”). Scheler sublinha esta diferença radical: uma coisa é pertencer a uma comunidade (família, tribo, nação, etc.); outra coisa é ser inserido numa sociedade. Esta diferença é levada ao extremo ao acentuar-se o carácter intrinsecamente constitutivo do ser pessoal como ser íntimo em comunidade; e, contrariamente, a inserção/não inserção como características aleatórias da relação de um indivíduo com um conjunto de indivíduos. A esfera pessoal expande-se

353, 366.

⁴ Cf. GW II, 382: “(...) jede endliche Person [ist] ein Individuum und dies als Person selbst.”

⁵ A análise do ser pessoal e da compreensão do seu sentido nos mais variados contextos éticos é apresentada de forma sistemática e concentrada no “Formalismo na Ética e a Ética material dos valores”.

à esfera da comunidade pela partilha e pela comunhão. Pelo contrário, não há acção recíproca entre indivíduo e sociedade⁶. O indivíduo é inserido no tecido social, é absorvido por este, é integrado ou, então, negativamente é desinserido, desintegrado, expulso. Quer dizer, não há nenhum elo essencial entre um indivíduo e uma sociedade, mas há um laço estreito entre pessoa singular e comunidade universal.

Este sentimento de co-pertença é co-estruturante da responsabilidade individual pelas relações interpessoais, pelas relações entre pessoa e comunidade, pelas relações, enfim, entre comunidades de pessoas. O ser em aberto da pessoa universal funda o projecto total do humano nas mais diversas esferas em que habita. Apenas assim há comunhão em geral, se pode compreender e sentir o que o outro vive e sente, saber-se compreendido e acompanhado no que se vive e sente.

Neste quadro fenomenológico, podemos ver de que forma a relação entre pessoas é compreendida por Scheler. Cada um de nós é esta pessoa global que totaliza as esferas da intimidade e da comunidade. A pessoa universal é co-responsabilizável por si na relação com outrem e com a comunidade de outros. A pessoa universal é responsável pela sua auto determinação bem como pela auto determinação da sua comunidade. Mas no limite é responsável pela auto determinação da pessoa universal em cada ser humano. Somos de cada vez sempre já a ser com todos os outros em geral, com todos os outros que são ou podem ser, com todos os outros que foram e puderam ter sido, com todos os outros que terão sido ou poderão vir a ser.

Isto é, o sujeito total de cada pessoa tem, no mínimo, a idade incalculável da vida ida e por ser e é à escala mundial. Eu enquanto pessoa universal transcendendo o círculo mais ou menos circunscrito da esfera perceptiva, o tempo mais ou menos restrito da minha vida passada e futura, tal como transcendendo o âmbito mais ou menos restrito das pessoas que efectivamente conheço e posso conhecer, que sei que existem, mas que nunca irei conhecer. A pessoa universal transcende o tempo da sua geração, existe numa relação intrínseca, ainda que possa ficar anónima, com todas as gerações de gerações passadas e futuras. Cada um de nós é assim na totalidade finita um ser íntimo e social. É por isso que nós não estamos num primeiro momento só nós, fechados numa redoma, para, a seguir,

⁶ Dashiell, J. F., *Psychological Phases of Internationalism* in "The American Journal of Sociology", Vol. 25, No. 6 (May, 1920), The University of Chicago Press, pp. 757-768. Kracht, George V., *The Fundamental Issue Between Nationalism and Internationalism* in "International Journal of Ethics", Vol. 30, No. 3 (Apr., 1920), The University of Chicago Press, pp. 241-266. Cottrell, W. F., *Cultural Growth of Internationalism* in "American Sociological Review", Vol. 10, No. 5 (Oct., 1945), American Sociological Association, pp. 586-595. Herz, John H., *Idealist Internationalism and the Security Dilemma* in "World Politics", Vol. 2, No. 2 (Jan., 1950), Cambridge University Press, pp. 157-180. Turner, Frederick C., *The Implications of Demographic Change for Nationalism and Internationalism* in "The Journal of Politics", Vol. 27, No. 1 (Feb., 1965), Cambridge University Press on behalf of the Southern Political Science Association, pp. 87-108. Halliday, Fred, *Three Concepts of Internationalism* in "International Affairs (Royal Institute of International Affairs 1944-)", Vol. 64, No. 2 (Spring, 1988), Blackwell Publishing on behalf of the Royal Institute of International Affairs, pp. 187-198. Bartelson, Jens, *The Trial of Judgment: A Note on Kant and the Paradoxes of Internationalism* in "International Studies Quarterly", Vol. 39, No. 2 (Jun., 1995), Blackwell Publishing on behalf of The International Studies Association pp. 255-279.

acrescentarmos as pessoas que vão aparecendo. Como se estivéssemos sós e de depois fôssemos acrescentando os outros que vão aparecendo: o pai, a mãe, os irmãos, a família chegada e a distante, e vamos alargando os conhecimentos para fora da núcleo familiar, os nacionais e os estrangeiros, com as suas famílias, povos, nações, círculos culturais, épocas, períodos, etc., etc.. Nós não somos um depositário ou somatório de indivíduos.

A pessoa universal em cada um de nós permite perceber quem somos já na possibilidade do encontro e do desencontro com todos os outros em geral, aparecidos ou por aparecer. A vivência das duas esferas, íntima e social, é conformada pela pessoa universal. É esta que funda a possibilidade de cada um de nós se expandir à escala nacional. É ela também que já tem em si aberta a possibilidade de internacionalização mas também a do isolamento do mundo inteiro. O projecto internacional, fundado numa comunidade, totaliza ou pode totalizar todos os seus membros, como membros de um corpo só. O plano de fundo da pessoa total no humano expanda-se no espaço e no tempo *a priori*. É desse plano de fundo que também as nações emergem e a relação entre elas. Ou seja, também uma nação pode ser pensada como uma unidade isolada com a idiossincrasia do território geográfico que ocupa ou o período de tempo da ascensão e queda. Também os vários tecidos sociais que compõem uma nação podem ser configurados de uma forma extrínseca, baseando a pertença a uma nação na naturalidade, na nacionalidade, uma nação de indivíduos com deveres, liberdades e garantias de cidadão. Assim, do mesmo modo que indivíduos se relacionam extrinsecamente com sociedades que os integram em determinadas nações ou nacionalidades, também as diversas nações se podem unir de forma mais ou menos intrínseca e fundamental de acordo com os seus próprios interesses e partilhas. Quer dizer, a internacionalidade humana seria o somatório de todas as nações com todas as diferenças que comportam, um somatório que hoje se chama globalização, um termo “histericamente estimulante” para utilizar a caracterização de Peter Sloterdijk.

Apenas a compreensão de cada pessoa como membro de uma unidade social que a integra que a faz membro de si, apenas a compreensão de cada unidade social como uma característica parcial de uma pessoa total, pode inaugurar o horizonte global mas concreto em que cada um de nós é já intrinsecamente constituído a ser com outro em geral, não numa sociedade das nações mas numa comunidade das nações, numa inter-nacionalidade compreensiva e de vivências mútuas e experiências partilhadas. A constituição intrinsecamente universal da pessoa em cada humano, que Max Scheler caracteriza como a pessoa finita mas íntegra, disponível para a abertura universal é essencialmente a mesma que permite integrar numa unidade todas as pessoas universais, na pessoa infinita, na pessoa das pessoas. Cada nação de pessoas deste género, se assim se pudesse dizer, teria uma certidão de nascimento de uma outra natureza completamente diferente, seria cidadão do universo. O projecto da solidariedade fundado na responsabilidade social e na auto-responsabilidade abririam ao internacionalismo intrínseco resultante do reconhecimento de cada pessoa humana como membro da comunidade concreta, total e infinita da pessoa das pessoas.

Apenas a pessoa global — com a sua esfera íntima e a sua esfera social — pode integrar uma comunidade. Integrar uma comunidade significa participar nela, ser ao mesmo tempo responsável por si e por ela. Mas o horizonte da comunidade nos configura a existir uns com os outros não é o resultado da soma de todos os habitantes que há no mundo, não é qualquer coisa como a população mundial. Isto é, do mesmo modo que não se consegue compreender o sentido da identificação pessoa humana com um indivíduo, porque o conceito de indivíduo é um conceito limite que resulta de um processo de análise que me reduz a um mero resíduo atómico e indivisível, encapsulado dentro de mim, implodido e reduzido a um ponto, assim também, *a fortiori*, não se consegue compreender uma sociedade que é o somatório de todos os casulos encapsulados, voltados do forma centrípeta para si, na tendência para a pulverização em pontos absolutamente isolados uns dos outros.

Ora, pelo contrário, o sentido de comunidade não poderia ser mais avesso ao sentido de sociedade de átomos isolados. O horizonte de comunidade universal é o *a priori* que dimensiona cada pessoa, configurando e coordenando as esferas íntima e social desde sempre já existentes em cada um de nós. Cada pessoa existe intimamente com a possibilidade da comunhão universal. Eu existo numa comunidade estruturalmente universal com toda a gente, mesmo quando sou excluído, me isolo, vivo só. Talvez até seja sobretudo em tais circunstâncias que se sente a presença inexorável do universo de todos os outros, relativamente aos quais fiquei impermeabilizado, absolutamente isolado. O sentido de pertença a uma comunidade, de responsabilidade partilhada, é tão radical quanto o sentido da responsabilidade absoluta no resguardo de si, com o direito à reserva de cada um ser quem é.

A pessoa universal é o sujeito que *a priori* age não apenas na integração de cada indivíduo numa família, num clã ou numa nação como também integra um conjunto de nações numa mesma comunidade. Entenda-se, contudo, que o sentido desta integração não é o da anexação, soma, agregação, aumento de número. O princípio de solidarização de uma nação é homogéneo com o princípio de solidarização entre nações. É um mesmo o princípio de comunhão e participação de uma pessoa numa comunidade e o que faz comungar várias nações em torno de um mesmo objectivo e projecto. A apropriação estritamente pessoal de uma comunidade não é um acto subjectivo, aleatório e prepotente, mas antes confere-lhe um grau de objectividade, vinculando-se-lhe a ela, pondo-se necessariamente à sua disposição. O carácter estritamente pessoal confere dimensão geral à comunidade.

A internacionalização é pensada, assim, como o que configura pessoas e nações à totalidade aberta de um sujeito que age internacionalmente: opera a abolição de fronteiras; anula a estranheza do estrangeiro no país de acolhimento; mais do que absorver numa sociedade, integra em comunidade, cria bases de confiança que fundam uma responsabilidade colectiva. Contrariamente, a nacionalização e o nacionalismo, correspondem a uma assimilação regressiva do indivíduo, a um afastamento cego dos outros, à criação da desconfiança, a tentativa quase sempre consumada de exclusão, à alienação, à mais absoluta impermeabilização numa esfera ficcional, fundada no ressentimento e na desconfiança. Um processo desta

ordem anula, no limite, a dimensão social, porque, também, eficazmente, distorce a dimensão intimamente pessoal que permite a abertura ao (e o reconhecimento do) outro.

A insuficiente compreensão ontológica da internacionalização e as tentativas consumadas da sua interpretação e conseqüente domesticção e controlo que levaram irrevogavelmente ao nacionalismo, ao partidarismo, à dessolidarização do tecido social, conduziram a uma histeria colectiva em prol da globalização. Mas é ainda o conceito de pessoa global que admite interpretações distorcidas. A globalização é uma reformulação do projecto Europeu. O facto da globalização, do comércio à escala planetária, em todas as suas dimensões, deu origem a toda uma outra ordem de cisões com conseqüências nacionais e pessoais. Os países e os seus nacionais posicionam-se relativamente ao projecto maciço de uma globalização do comércio planetário acotovelando-se localmente para serem globalizados. Criam-se formas extremas de cisão entre países de primeiro, segundo, terceiro, enésimos mundos, tal como se criam formas extremas de cisão entre as castas dos que podem e castas dos que não podem, abolindo-se assim raça, sexo, idade, origem, família, clã, nação.

A sociedade global pode por isso ser totalmente contrastada com o projecto de vivência com uma co-responsabilidade internacional, do mesmo modo que aniquila a diferença pessoal e a possibilidade de auto-determinação interpessoal. Se no limite se puder ir para todo o lado e viver em toda a parte, no limite não se pertence a lado nenhum e não há nenhum sítio para onde se possa regressar, onde nos sintamos em casa. Apenas se pode ser só, porque a lógica da vida é de sobrevivência no cerco e a táctica existencial é a da suspeita e a da reserva. O outro não é nunca nenhum dos meus⁷, nenhum outro é dos meus e eu sou como toda a gente e ninguém, não o membro da comunidade global, mas uma partícula à deriva em movimento implosivo de auto pulverização. O humano já não reconhece outro humano, porque não se reconhece a si como humano. O outro é a ameaça e o perigo, a possibilidade de convívio está baseada na reserva e a lógica e a da manutenção da distância.

É em vista desta realidade, que ainda que latente tem os seus efeitos bem patentes, que o “principal objectivo do projecto político moderno consiste em albergar um número estonteante de pessoas debaixo de um mesmo tecto comunitário e oferecer às pessoas um programa de ocupação e assistência”⁸. As diferenças nacionais são esbatidas, tal como as diferenças pessoais. Apenas há nacionais de uma nação e as nações da sociedade das nações. Este programa político de ocupação e assistência de pessoas debaixo de um mesmo tecto social é uma “ilusão necessária” que esbate também a ideia de uma comunidade das nações. Se aplicarmos a metáfora à compreensão das fronteiras que apartam nações de acolhimento e nações que exilam, ou países de emigração e países de

⁷ Wittkopf, Eugene R., Faces of Internationalism in a Transitional Environment in “The Journal of Conflict Resolution”, Vol. 38, No. 3 (Sep., 1994), Sage Publications, Inc., pp. 376-40.

⁸ Sloterdijk, Peter, Die Sonne und der Tod, Dialogische Untersuchungen mit Hans-Jürgen Heinrichs, 2001.

acolhimento, percebemos que há países que oferecem programas de oferta de ocupação e assistência melhores do que outros, que uns haverá que não oferecem de todo. Não há já países de exportação de estrangeiros e países de acolhimento, porque ninguém se sente que pertence e que está integrado numa comunidade, mas apenas inserido ou excluído de uma sociedade global. Assim, há apenas a ideia de que há minorias e maiorias de pessoas a quem se oferecem melhores ou piores condições de asilo, todos exilados em nações em que se cria a ilusão de imunidade territorial e acolhimento social.

O que representa este exílio à escala universal? Ser humano é ter sido exilado. Mas onde e a quem pedir asilo? Não há lugar nenhum no mundo onde se possa encontrar asilo. O mundo não é aqui o planeta Terra, nem um qualquer lugar onde se possa encontrar as condições necessárias para a existência no vasto Cosmos. O mundo inteiro, mesmo à escala universal, não poderá nunca a priori oferecer asilo para este tipo de exílio. Do lado de lá da vida irrompe o rosto do nada, que, ao assomar o horizonte, esgota e exaure de repente, sugando toda a energia: todos os nossos recursos e potenciais, simplesmente, tudo. Por outro lado, compreender o facto desta possibilidade, vivida concretamente, que cada um de nós pode ser metamorfoseado e redimensionado pela pessoa infinita, a pessoa das pessoas, aquela lucidez infinita que se estende por todas as gerações de gerações de humanos até à derradeira. Cada pessoa é isso mesmo o horizonte que recobre o haver sido e haver de ter sido. Cada um de nós está implicado à escala mundial em todos os outros, mesmo que “todos os outros”, “os outros” sejam com um sentido irrepresentável, os outros todos que estão neste instante a deixar de ser neste mesmo instante a nascer, nesse lusco-fusco em que se apagam e acendem milhões e milhões de pessoas num mundo sempre em mudança. Somos com a possibilidade de internacionalização porque à partida somos susceptíveis de comungarmos do todo, de uma forma concreta, em que as alegrias e os sofrimentos dos outros, passados, presentes e futuros, nos tocam e acontecem. Cada um de nós é este sensor altamente qualificado e absolutamente sofisticado que se sente com os outros, os outros efectivamente aí, conhecidos e desconhecidos, mas também os outros que desapareceram e os que aguardamos.

Isto é, somos portadores da vida. É a vida que verdadeiramente e de facto escancara a possibilidade da internacionalização, que se não a reconfigurar faz da internacionalização apenas um conceito abstracto que resulta do somatório da população mundial. Cada um de nós faria, assim, parte apenas dos 6, 6 biliões de pessoas existentes no mês de Maio de 2008, engrossando assim os 125 biliões de pessoas que já habitaram o planeta antes de nós. Cada um de nós faz parte desse número enquanto não fizer parte das 107 pessoas que morrem por minuto ou das 6390 que morrem por hora. Cada pessoa é apanhada desde o seu nascimento nesta comunidade móbil, sempre a morrer e sempre a nascer, como que numa onda gigante, num mar de gente. É esse mar de gente que é o concreto e o que define a unidade de sentido relativamente ao qual cada um de nós é. Cada um de nós está assim no acesso total e vastíssimo da contemporaneidade, do passado e do futuro que são ainda, mesmo desaparecidos, e são já, ainda que não aparecidos neste nosso sermos uns com os outros, como se todos fôssemos *particulae perfecti*.